



ARTIGO DE REVISÃO

**Pesquisa empírica em psicoterapia psicanalítica:
contribuição para a formação teórico-clínica de
psicoterapeutas**

Lívia Fração Sanchez ^a

Maria Lucia Tiellet Nunes ^b

Paula Argemi Cassel ^c

Paula von Mengden Campezzatto ^d

^a Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e sócia graduada do IEPP – Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia.

^b Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica (Tratamento e Prevenção) pela Universidade Livre de Berlim.

^c Psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica e doutoranda em Cognição Humana, PUCRS – Bolsista CAPES. Docente do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter, Laureate International Universities).

^d Psicóloga. Psicoterapeuta de crianças, adolescentes e adultos. Mestre e doutoranda em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Bolsista do CNPq. Docente do IEPP – Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

O artigo apresenta breve histórico do desenvolvimento da teoria e da técnica da psicoterapia psicanalítica. Também diferencia duas modalidades de pesquisa empírica em psicoterapia: processo e resultado de tratamento. Destaca a pouca quantidade de pesquisas, no Brasil, sobre a temática, o que atesta a ausência de tradição de estudos desse caráter e a distância entre clínicos e pesquisadores. Salienta que a pesquisa

de processo é uma possibilidade de aproximação entre essas áreas. Os autores consideram necessários e relevantes os esforços para unir clínicos e pesquisadores na pesquisa empírica em psicoterapia, e sugerem a inserção da pesquisa na formação do psicoterapeuta como possibilidade de aproximação de clínicos e pesquisadores e, assim, de redução dessa lacuna.

Palavras-chave: Psicoterapia; Psicanálise. Pesquisa; Formação do terapeuta.

Abstract

The article presents a brief historical development of theory and technique of psychoanalysis and psychotherapy. It also distinguishes two kinds of empirical research in psychotherapy: process and results of treatment. It highlights the small amount of research in this field in Brazil. That shows a lack of tradition of studies like this and a gap between clinicians and researchers. It points out that process research is a possibility of interlocution between these areas. The authors emphasize that efforts become necessary and relevant to unite clinicians and researchers work, and suggest research as a discipline in psychotherapy training as a possible approach between clinicians and researchers and thus reduce this gap.

Keywords: Psychotherapy; Psychoanalysis; Research; Psychotherapy training.

Introdução

A psicanálise e a psicoterapia psicanalítica têm sua origem no trabalho desenvolvido por Sigmund Freud no tratamento de pacientes histéricos. O trabalho realizado por Freud, na construção da psicanálise, na Viena do final do século XIX, foi seu empreendimento solitário, totalmente privado e fora dos círculos universitários. Desde o início da psicanálise, Freud incluiu a pesquisa, em sua definição, como um procedimento de investigação dos processos mentais, um método de tratamento e uma disciplina científica¹. O método utilizado por ele não é aceito por pesquisadores que se dedicam à pesquisa empírica nos parâmetros do método científico consagrado, visto que a sua metodologia era menos sistematizada do que a utilizada pelos estudos atuais².

No decorrer do último século, as ciências empíricas e a psicanálise não desenvolveram proximidade, mantendo-se como campos à parte do conhecimento científico hegemônico. O distanciamento entre a prática clínica e a pesquisa empírica é percebido, no Brasil, pela pouca produção de pesquisas em psicoterapias de diversas modalidades, principalmente naquelas de abordagem psicanalítica³. Devido a isso, a comunidade psicanalítica se depara com pressão significativa para aumentar as pesquisas empíricas⁴.

A partir do exposto, este artigo busca expor a importância da pesquisa empírica da psicoterapia psicanalítica para consolidação de sua práxis, a partir da formação do psicoterapeuta. A investigação acerca dos diversos elementos atuantes em um processo de psicoterapia psicanalítica contribui à área de ensino, favorece a discussão teoria/técnica e contribui para o desenvolvimento de psicoterapeutas em formação.

Desenvolvimento da teoria e da técnica da psicoterapia psicanalítica

A psicanálise desde Freud vem alcançando pacientes com sintomas mais graves que aqueles apresentados pelos pacientes neuróticos⁵. A fim de poder tratar esses pacientes mais regressivos, a psicanálise sofreu algumas modificações técnicas para melhor assisti-los. Surge, assim, a psicoterapia psicanalítica. Embora a psicanálise e a psicoterapia psicanalítica sejam baseadas nos mesmos preceitos teóricos, os objetivos de ambas são claramente distintos⁶. Diferentemente da psicanálise, que tem por objetivo tratar a patologia caracterológica por meio da análise, a psicoterapia psicanalítica, utilizando-se do mesmo embasamento teórico, apresenta o esclarecimento, a confrontação e a interpretação extratransferencial como seus principais instrumentos para atingir objetivos mais circunscritos e não tão profundos como aqueles de uma análise⁷.

Na psicoterapia psicanalítica, as associações do paciente não são tão livres como na psicanálise, visto que o psicoterapeuta acaba por dirigir as associações para questões-chave da psicoterapia de modo a acessar áreas circunscritas ou problemas delimitados do paciente. Sendo assim, o paciente é estimulado, por seu psicoterapeuta, a explorar sentimentos, ideias e atitudes dentro da área selecionada, referente ao foco da sessão⁸.

A teoria e a técnica psicanalítica podem ser pensadas como uma obra em construção, em que é necessário ter em mente as características técnicas e teóricas que definem a psicanálise como tal⁹. Pouco se tem debatido e publicado sobre o ensino da psicoterapia psicanalítica, ficando, por vezes, restrita aos locais de formação de analistas¹⁰. Por isso mesmo, referindo-se à função do ensino da psicoterapia psicanalítica, Zaslavsky e Brito¹⁰ descrevem-na como o desenvolvimento de aptidões e capacidades no psicoterapeuta para trabalhar com o paciente, assim como a busca por uma identidade de psicoterapeuta, visto ser a psicanálise e a psicoterapia psicanalítica participantes do mesmo referencial teórico, embora apresentem técnicas diversas. O modelo utilizado para o desenvolvimento da identidade de psicoterapeuta baseia-se no tripé da formação psicanalítica: o tratamento pessoal, a formação teórica e a supervisão¹¹.

A respeito do tratamento pessoal, Zaslavsky e Brito¹⁰ enfatizam a importância de o psicoterapeuta ter conhecimento profundo a respeito de seu funcionamento mental para o êxito da psicoterapia que venha a conduzir. O conhecimento dos seus principais conflitos psíquicos e do funcionamento de sua personalidade ajudam de forma significativa na compreensão do paciente, principalmente no que diz

respeito aos sentimentos transferenciais e contratransferenciais desenvolvidos pela dupla paciente- psicoterapeuta ao longo do tratamento psicoterapêutico. Além disso, a vivência de um tratamento bem-sucedido favorece a diminuição dos chamados pontos cegos do psicoterapeuta em relação ao material trazido pelo seu paciente.

Em relação à formação teórica e técnica, é importante que o ensino seja atenciosamente pensado e elaborado, pois são estes que proporcionarão aos alunos a aquisição de conhecimentos elementares fundamentais para o bom exercício terapêutico. É esse espaço de ensino o local onde o aluno poderá se expressar, trazendo suas dúvidas e suas ideias a respeito dos conceitos teóricos e técnicos¹⁰. No que se refere à supervisão, sabe-se de sua relevância no ensino e na formação de um psicoterapeuta, pois é a partir dela que o conhecimento teórico e técnico se sedimenta no interior do supervisionando¹⁰.

Nesse sentido, acredita-se que, para um melhor aproveitamento da formação teórico-clínica desenvolvida nos centros de formação, seja necessária uma maior interlocução entre o ensino e a pesquisa empírica, visto que ambos complementam-se para a construção da identidade do psicoterapeuta. Frente a isso, discutimos a pesquisa empírica em psicoterapia e, posteriormente, as interfaces entre pesquisa, clínicos e formação psicoterapêutica.

Pesquisa empírica em psicoterapia

A investigação das psicoterapias, independente da abordagem teórico-técnica, tem incitado pesquisadores e clínicos. Pesquisas empíricas em psicoterapia se configuram pela aplicação de métodos empíricos aos fenômenos clínicos e podem ser caracterizadas como pesquisa de resultado ou de processo, de acordo com a pergunta que o estudo pretende responder^{12,13,14}. Salienta-se que as pesquisas de resultado e de processo estão interligadas, uma vez que ambas objetivam investigar mudança em psicoterapia. Contudo, apresentam objetivos diferentes¹⁴, em termos metodológicos, teóricos, técnicos e éticos.

A pesquisa de resultado pretende responder: houve ou não mudanças ao final do processo de psicoterapia e em consequência deste?^{14,15} Já a pesquisa de processo: como as mudanças ocorreram ao longo do processo de tratamento psicoterapêutico?^{14,16,17} Ainda, a pesquisa de resultado pode responder a sua pergunta através de dois tipos de pesquisa: de eficácia e de efetividade. A pesquisa de resultado de eficácia demonstra relações causais entre o tratamento psicoterapêutico e o resultado a partir da avaliação da extensão de quanto um tratamento específico gera resultado favorável em condições ideais de observação, em um ambiente psicoterapêutico ideal, em que hipóteses são testadas e variáveis controladas de maneira objetiva e sistemática^{15,18,19,20,21}. Já a pesquisa de resultado de efetividade examina o resultado da psicoterapia no *setting* terapêutico e a intervenção psicoterapêutica é realizada a fim de adequá-la ao *setting* real (consultórios, por exemplo), sendo o *setting* da pesquisa mais flexível, menos controlado e representativo da prática clínica^{15,19,21,22}.

O estudo do processo, ao responder como ocorreram as mudanças ao longo do tratamento, apresenta-se como um método particular de investigação sistemática da experiência humana em um contexto interpessoal¹⁶. O objetivo principal da pesquisa sobre processo pode ser esclarecido como a identificação e a validação dos fatores que provocam mudanças nos padrões emocionais não adaptativos do paciente¹⁶. Ou seja, para se avaliar o processo da psicoterapia, são estudados momentos em que se pode identificar mudanças no paciente¹⁶. Portanto, a pesquisa de processo envolve a análise de complexas, multifacetadas e contextualizadas variáveis que estão inseridas na psicoterapia²³.

O estudo minucioso das psicoterapias e as implicações provocadas pelas intervenções psicoterapêuticas, seja pesquisa de resultado e/ou processo, têm sido objeto de análise de pesquisadores e clínicos. Indicadores que somam a necessidade de investigações empíricas em psicoterapia é a aquiescência entre clínicos e pesquisadores da psicoterapia ser eficaz, efetiva e duradoura^{24,25,26}.

Nesse sentido, é indispensável a avaliação dos elementos psicoterapêuticos que provocam resultados positivos para os pacientes²⁵. De tal modo, a investigação científica das psicoterapias e de que modo as intervenções podem favorecer a saúde mental e a qualidade de vida dos sujeitos é de interesse dos pesquisadores, dos clínicos e, principalmente, daqueles que buscam tratamento psicoterapêutico – os pacientes^{3,27,28,29,30}. A pesquisa em psicoterapia é necessária, a fim de que se possa comprovar, refinar e aprimorar conceitos teóricos e técnicos que produzem mudanças¹³.

Nessa direção, Kazdin³¹ esclarece que a publicação científica internacional demonstra que há progressos na pesquisa em psicoterapia; diferentes tratamentos psicológicos são reconhecidos positivamente em decorrência das pesquisas de evidências. Mesmo assim, os pesquisadores e clínicos ainda não possuem explicações baseadas em evidências a respeito de que forma as intervenções podem vir a produzir mudança no paciente, enfatizando a necessidade de efetivação de pesquisas de processo e, ainda, de pesquisas que avaliem conjuntamente processo e resultado, a fim de aprimorar os conhecimentos teóricos e técnicos envolvidos nas psicoterapias.

Zanatta e Benetti³² enfatizam que os objetivos das pesquisas em psicoterapia, atualmente, vão para além da comprovação da eficácia/efetividade dos tratamentos, focando-se no entendimento dos processos de mudança envolvidos na psicoterapia. Tal entendimento demarca um novo momento em estudos empíricos com psicoterapia¹², pois há, historicamente, preferência, por parte dos pesquisadores e do próprio entendimento do que é ciência, das pesquisas de resultado baseadas em evidências empíricas¹⁵.

A pesquisa de processo marca a principal forma de se avaliar empiricamente a psicoterapia psicanalítica e a psicanálise, posto que os procedimentos metodológicos desse tipo de estudo permitem maior aproximação aos preceitos teóricos e técnicos da teoria psicanalítica. Dentre as metodologias de exame do processo psicoterapêutico está o estudo de caso sistemático (ECS)³³, justo por ser um modelo de investigação que permite responder a questões relevantes para a prática clínica por meio de evidências científicas. Para isso, utiliza-se de diferentes mecanismos na coleta dos dados para aprimorar o rigor

metodológico: os procedimentos devem ser cuidadosos e sistemáticos, como gravar em áudio e vídeo as sessões de psicoterapia para que se possa retornar aos dados sempre que desejável, a fim de testar a acurácia das interpretações inferidas acerca dos processos psicológicos. Além disso, Edwards³³ sugere que juízes independentes analisem a(s) sessão(ões), o que pode se dar por meio de diferentes instrumentos, pela escuta do áudio do material ou pela leitura da transcrição literal do material clínico.

A pesquisa sobre processo foi fundamental à psicanálise desde seus primórdios⁷. Como já referenciado, desde a conceitualização de psicanálise por Freud, a pesquisa, a clínica e a teoria encontram-se atreladas e interdependentes¹. Assim, o imperativo de união de clínicos e pesquisadores na pesquisa em psicoterapia aumenta quando se refere à avaliação do processo psicoterapêutico, especialmente, psicanalítico, pois há pressão da ciência em termos de comprovação empírica das psicoterapias^{13,34}, e, de forma expressiva, do funcionamento positivo da abordagem teórico-técnica da psicanálise. O exame do processo é, devido às questões teóricas, técnicas e éticas da psicanálise, a forma que melhor se aproxima das exigências científicas de comprovação baseada em evidência.

A avaliação do processo pode esclarecer possíveis relações entre os efeitos das intervenções realizadas ao longo do tratamento psicoterapêutico e as implicações destas, possibilitando o direcionamento de estratégias que levam a mudanças significativas no paciente¹³, além de elucidar o impacto da psicoterapia nos pacientes nos diversos tipos de tratamentos psicoterapêuticos^{18,30,35}. A necessidade de vínculo na produção do conhecimento em psicoterapia entre clínicos e pesquisadores denuncia que apenas demonstrar as causas e os efeitos entre intervenções e mudança não mostra como essas ocorreram³¹, uma vez que as mudanças psicoterapêuticas podem ocorrer em sessões específicas e em alguns momentos de cada sessão ao longo do tratamento³⁶.

A avaliação empírica das psicoterapias, especialmente a avaliação do processo, por ser necessário o exame minucioso de todo o tratamento, foi favorecida pela inserção de registros objetivos, como o uso de gravação em áudio e filmagem das sessões, pois estes propiciam maior precisão da compressão do que ocorre ao longo do tratamento, em cada sessão. Os registros objetivos evitam críticas, que vem sendo produzidas em relação aos relatos de casos, elaborados pelos próprios psicoterapeutas, podendo apresentar problemas científicos e clínicos, tendenciosidade e perda de informações^{16,37,38}.

É a partir dos registros objetivos e da coleta de dados com diferentes personagens envolvidos na psicoterapia (pesquisador, psicoterapeuta, paciente, supervisor(es) do caso, as próprias sessões) que pesquisadores aplicam métodos quantitativos e qualitativos para examinar os padrões de interação e da comunicação terapeuta/paciente através das sessões de psicoterapia, relacionando-os com episódios terapêuticos positivos e negativos, bem como com a mudança clínica⁴⁰.

Contudo, mesmo havendo progressos nas pesquisas empíricas em psicoterapia, as publicações científicas de investigações de processo, na literatura brasileira, são escassas e há lacunas de estudos sistemáticos sobre processo psicoterapêutico¹⁷. Estudos empíricos com a abordagem psicanalítica são

ainda mais escassos³². Questão importante é que os estudos existentes são pouco conhecidos pelos pesquisadores e clínicos, e quando o são, na maioria das vezes são feitos e reconhecidos unilateralmente por um dos grupos^{12,36}.

Nessa direção, no Brasil as publicações sobre pesquisas em psicoterapia são incipientes, ainda que estudos empíricos de resultado possuam maior produção nacional do que as pesquisas empíricas sobre processo em psicoterapia^{41,42,43}. Uma revisão sistemática de pesquisa de resultado em psicoterapia, entre os anos 2000 e 2012, feita por Campezzato, Cunha e Nunes⁴² e outra revisão sistemática elaborada por Cassel, Sanchez e Nunes⁴³ sobre pesquisa de processo em psicoterapia, entre os anos 2000 e 2012, obtiveram como conclusões que a produção científica mundial, representada pela base de dados PsychINFO, apresenta maior quantidade de artigos empíricos em comparação aos teóricos. A Lilacs, base de dados de produções da América Latina, contempla revisões, estudos empíricos e validação de instrumentos, demonstrando crescente investimento na área. E os periódicos científicos publicados no Brasil pelo Indexpsi apresentam, em sua maioria, estudos teóricos e conta com apresentação de material clínico, sobressaindo-se pela pouca quantidade de pesquisas a respeito do resultado e processo em psicoterapia nos anos pesquisados, manifestando a não tradição de estudos desse caráter a nível nacional.

Frente a isso, ressalta-se a necessidade de promoção da união de clínicos e pesquisadores e da publicação de estudos baseados em evidências, principalmente na pesquisa em psicoterapia do processo psicoterapêutico psicanalítico, pois esta visa esclarecer as possíveis relações entre a psicoterapia e seus efeitos^{12,27,28,29,30,44,45,46}.

Formação em psicoterapia: possibilidade de união entre clínicos e pesquisadores

O exame do processo psicoterapêutico precisa ser analisado sistematicamente em relação aos aspectos do paciente, do psicoterapeuta e da relação estabelecida entre ambos no intuito de compreender o que leva a mudanças no decorrer do tratamento, envolvendo dados colhidos por instrumentais objetivos⁴⁷. Muitos psicanalistas e psicoterapeutas recusam, por exemplo, a introdução de registros objetivos nas sessões de psicoterapia por recearem a exposição do paciente e os considerarem como possível obstáculo para formação da aliança terapêutica⁴⁸.

Autores consideram que o próprio espírito da psicanálise, em sua própria natureza, estaria sendo violentado pelas demandas feitas a ela pela pesquisa empírica. Nesse caso, o grande desafio seria desenvolver métodos desenhados especificamente para não violentar nem a natureza nem o “espírito” daquele objeto que está sendo estudado⁴⁹.

Ainda que exista receio na utilização de medidas objetivas para a realização de pesquisas, Silva *et al.*⁴⁸ constatam que ambas as formas de registro (registros de memória do psicoterapeuta e gravação das sessões) são complementares e não excludentes para a apreensão do material e parecem, de forma

conjunta, ser a melhor forma de aproximar o pesquisador da essência do processo psicoterapêutico. Além de todas as dificuldades para que pesquisadores e clínicos busquem as devidas conexões para considerarem suas práticas complementares no fortalecimento das psicoterapias e da psicanálise, também se apresentam dificuldades práticas, que corroboram para que a pesquisa fique relegada a uma minoria de clínicos. Estas envolvem diversos fatores, entre eles a dificuldade de acesso a dados de prontuários que, quando existem, estão em sua maioria mal preenchidos, com diversos campos em branco e com expressões e termos técnicos não acordados entre os profissionais que os preenchem⁵⁰. Percebe-se uma confusão acerca do resguardo do sigilo e confidencialidade do material, tanto quando se trabalha com prontuários e materiais advindos de arquivos como com material advindo diretamente de sessões psicoterapêuticas gravadas em áudio e/ou vídeo. Tais aspectos resultam em uma comum recusa por parte de psicoterapeutas em participar de estudos empíricos¹⁷.

Campezatto, Nunes e Silva⁵¹ enfatizam a necessidade de que o pesquisador em/sobre psicoterapia e psicanálise tenha real conhecimento (vivencial) da clínica e de seu método de trabalho, na intenção de tornar-se um instrumento “calibrado”⁵¹ para apreender os processos mentais conscientes e inconscientes. É somente a escuta treinada e acurada do pesquisador que pode levantar indicadores de mudança psicológica⁵². Esse fator, enriquecedor sob o aspecto empírico, torna-se difícil na medida em que clínicos não dispõem do extenso tempo necessário para a execução de ambas as tarefas – clinicar e pesquisar. A verba destinada à pesquisa é escassa na maioria das instituições fora do contexto universitário, provavelmente pela pouca valorização da atividade por muitos clínicos. E os clínicos, na maioria das vezes profissionais autônomos, pouco podem dispor de horas de trabalho.

Campezatto e Nunes⁵² retomam que anos e anos de experiências clínicas riquíssimas ficaram escondidas entre as quatro paredes de salas de atendimento, representando pouco ou nenhum avanço para a ciência, embora inúmeros pacientes tenham se beneficiado de seus tratamentos. Frente a isso, relembra-se e enfatiza-se que a psicanálise e a psicoterapia psicanalítica vêm sofrendo pressão para comprovar cientificamente que seu método realmente traz benefícios para seus pacientes, e vêm perdendo espaço substancial para outras modalidades de atendimento adeptas à conciliação entre pesquisa e prática clínica, de forma que a histórica lacuna entre a prática e a pesquisa precisa ser revista pelos dois campos de investigação.

A clínica, constantemente, necessita renovar-se com novos dados que auxiliem no aprimoramento técnico diante das mudanças culturais e subjetivas da atualidade. Assim, o estudo empírico do processo psicoterapêutico é fundamental para a clínica e é justamente o que mais se aproxima de sua compreensão, já que permite a (re)elaboração de conceitos teórico-técnicos, de planejamento psicoterapêutico, do entendimento de quais intervenções psicoterapêuticas levaram à mudança significativa no paciente. Da mesma forma, a formação do psicoterapeuta psicanalítico que considere as evidências empíricas coloca o profissional no lugar de produtor e produto de conhecimento em saúde mental, posicionando o clínico e o pesquisador lado a lado, próximos⁴⁷.

Considera-se a necessidade e relevância dos esforços para unir clínicos e pesquisadores na pesquisa empírica em psicoterapia, e sugere-se como possibilidade de estreitar essa lacuna a formação do psicoterapeuta. A ideia passa a ser a integração entre o clínico e o pesquisador na união de seus esforços. Com a participação ativa do clínico no processo de pesquisa, o empirismo tende a ser válido e útil para a comunidade envolvida com psicoterapia como um todo^{12,36}.

Faz-se necessário, portanto, esforço de integração dos resultados das investigações clínicas e empíricas. Cada estudo tende a trazer pequena contribuição ao conhecimento da psicoterapia e da psicanálise, mas um grande conjunto de pequenas contribuições pode apresentar material de significativo interesse a clínicos e pesquisadores. Assim, enfatiza-se a ideia de que a pesquisa empírica sobre psicoterapia e psicanálise é uma das vertentes de aplicação prática dos construtos teóricos desenvolvidos em sua metapsicologia. Dessa forma, poderá principalmente contribuir no acesso de uma maior quantidade de pacientes a esse tipo de intervenção, na medida em que possa se expandir os conhecimentos de *o que funciona, para o que funciona e como funciona* esse tipo de intervenção – questões essas frequente foco de artigos em outras abordagens teóricas⁴.

Deakin e Nunes¹⁵, ao realizar pesquisa sobre efetividade da psicoterapia psicanalítica de crianças, propuseram, como uma saída às dificuldades de pesquisar, a intersecção clínica e investigação, tendo como ponto de partida a universidade, que poderá auxiliar na adaptação de métodos. Tal alternativa parece solução bastante eficaz na implementação de uma mentalidade ampliada da clínica, que pode contribuir grandemente para estudos de resultado como o proposto pelas autoras. As investigações no contexto das clínicas-escola universitárias vêm se desenvolvendo de forma crescente^{53,54,55,56}, contribuindo na construção de um panorama geral das práticas exercidas nas clínicas-escola, bem como na descrição da clientela que utiliza seus serviços, nos tipos de terapia e no desfecho geral dos atendimentos.

Campezatto, Nunes e Silva⁴ consideram as instituições de formação de psicoterapeutas e psicanalistas locais mais propícios para a aquisição de material clínico para realizar pesquisas empíricas de processos que exigem do clínico/pesquisador bagagem teórico-prática diferenciada. Diferentemente dos consultórios privados, a rotina de ambulatório inclui aspectos favorecedores da aceitação do paciente em participar de tais estudos, que envolvem a participação de secretária (agendamentos, pagamentos, administração das salas), triador, prontuários institucionais, sala de espera compartilhada com outros pacientes e a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual o paciente autoriza o uso de seus dados para estudos, supervisão e pesquisa. Salienta-se que esses locais, com diversas nomenclaturas, como cursos de formação, de especialização, entre outros, são considerados clínicas-escola de pós-graduação, onde os profissionais podem e devem tomar contato com as diversas facetas de utilização de conhecimento clínico – dentre elas, a pesquisa.

Ainda que se considere que o modelo tradicional de formação, baseado no tripé psicanalítico, seja válido no sentido de constituir uma base sólida para o psicoterapeuta, é possível que esta seja justamente

a saída para abarcar as demandas que a psicoterapia psicanalítica e a psicanálise vêm sofrendo: oferecer atividades complementares aos sustentáculos básicos seminários-supervisão-tratamento pessoal. Um psicoterapeuta pode e deve pesquisar, deve ser treinado para tal. A pesquisa empírica e a consequente escrita de seus achados (científica ou clínica) na forma de artigos científicos, *papers* em eventos, livros, entre outros, parecem ser o meio pelo qual a teoria psicanalítica e a técnica psicoterapêutica podem se renovar. Desde seu histórico, foram os escritos de Freud e seus seguidores que sustentaram a psicanálise; atualmente, a necessária constante renovação técnica se faz perante a divulgação das pesquisas empíricas e das constantes adequações técnicas a que os clínicos vêm se deparando. Tais aspectos auxiliam o clínico e o pesquisador a integrarem-se na união de seus esforços, não sendo mais vistos como em mundos distintos. Cabe lembrar que o clínico é um eterno pesquisador, e um pesquisador não deixa de ser um clínico que busca solucionar problemas (de pesquisa) e explicar causalidades.

Referências

1. Freud S. Dois verbetes de enciclopédia. In: Freud S. Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1923/1976.
2. Wallerstein RS. Psychoanalytic research: where do we disagree? *International Psychoanalyst*. 1996;5:15-7.
3. Castro PF. Reflexões em psicologia e ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. *Psicologia: Teoria e Prática*. 1999;1(1):3-13.
4. Campezzatto PvM, Nunes MLT, Silva MR. Pesquisa em psicoterapia e psicanálise. Aletheia (ULBRA Canoas). No prelo.
5. Stone MH. História da psicoterapia. In: Eizirik CL, Aguiar RW, Achestatsky SS. Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos. 2 ed. Porto Alegre: Artmed; 2005.
6. Eizirik CL, Hauck S. Psicanálise e psicoterapia de orientação psicanalítica. In: Cordioli AC. Psicoterapias: abordagens atuais. Porto Alegre: Artmed; 2008.
7. Romanowski R, Escobar JR, Sordi RE, Campos, MS. Níveis de mudança e critérios de melhora. In: Eizirik CL, Aguiar RW, & Schestatsky SS. Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos. Porto Alegre: Artmed; 2005.
8. Cordioli AV. As principais psicoterapias: fundamentos teóricos, técnicas, indicações e contraindicações. In: Cordioli AV. Psicoterapias: abordagens atuais. Porto Alegre: Artmed; 2008.
9. Eizirik CL. Psicanálise e pesquisa. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 2006;28(3):171-72.
10. Zaslavsky J, Brito CL de S. Ensino da psicoterapia de orientação psicanalítica. In: Eizirik CL, Aguiar RW, Schestatsky SS. Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos. Porto Alegre: Artmed; 2005.
11. Grinberg L. The problems of supervision in psychoanalytic education. *International Journal of Psychoanalysis*. 1970;51:371-83.

12. Goldfried MR, Wolfe BE. Psychotherapy practice and research: repairing a strained alliance. *American Psychologist*. 1996;51(10):1007-16.
13. Peuker AC, Habigzang LF, Koller SH, Araújo LB. Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. *Psicologia em Estudos (Maringá)*. 2009;14(3):439-45.
14. Wallerstein RS. Pesquisa sobre resultados. In: Pearson E, Cooper AM, Gabbard GO (Orgs.). *Compêndio de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed; 2007. p. 305-19.
15. Deakin EK, Nunes, MLT. Efetividade e eficácia na avaliação de resultados da psicoterapia psicanalítica com crianças. In: Strey MN, Tatim DC. *Sobre ETs e dinossauros: construindo ensaios temáticos*. Passo Fundo, RS: UPF; 2008. p. 113-141
16. Bucci W. Pesquisa sobre processo. In: Pearson E, Cooper AM, Gabbard GO. *Compêndio de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed; 2007. p. 305-319.
17. Serralta FB, Nunes MLT, Eizirik CL. Elaboração da versão em português do Psychotherapy Process Q-Set. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. 2007;29(1):44-55.
18. Charman D. Paradigms in current psychotherapy research: a critique and the case for evidence based psychodynamic psychotherapy research. *Australian Psychologist*. 2003;38(1):39-45.
19. Nash JM, McCrory D, Nicholson RA, Andrasik F. Efficacy and effectiveness approaches in behavioral treatment trials. *Headache*. 2005;45(5):507-12.
20. Pereira MG. *Epidemiologia: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006.
21. Silva RC. Abordagens na avaliação do tratamento psicoterápico: convergência de modelos ou novos paradigmas? Resenha da publicação Nathan, P. E., Stuart, S. P. & Dola, S. L. (2000). Research on psychotherapy efficacy and effectiveness: between Scylla and Charybdis? *Psychological Bulletin*, 126, 964-981. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. 2004;8(1):179-184.
22. Beutler LE, Howard KI. Clinical utility research: an introduction. *Journal of Clinical Psychology*. 1998;54(3):297-301.
23. Kazdin AE. Progression of therapy research and clinical application of treatment require better understanding of change process. *Clinical Psychology: Science and Practice*. 2001;8(2):143-51
24. Asay TP, Lambert MJ. The empirical case for the common factors in therapy: quantitative findings. In: Hubble MA, Duncan BL, Miller SD. *The heart and soul of change – what works in therapy*. Washington: American Psychological Association; 1999.
25. Roth A, Fonagy P. *What works for whom? A critical review of psychotherapy research*. New York: The Guildford Press; 2005.
26. Seligman MEP. The effectiveness of psychotherapy: the consumer reports study. *American Psychologist*. 1995;50(12):965-74.
27. Bernardi, R. Investigación clínica e empírica sistemática en psicoanálisis. In: Lhullier A. *Novos modelos de investigação em psicoterapia*. Pelotas: Educat; 1998. p. 23-42.
28. Etchegoyen HR. Prefácio. In: Lhullier A. *Novos modelos de investigação em psicoterapia*. Pelotas: Educat; 1998. p. 17-21.
29. Greenberg RS, Daniels SR, Flanders WD, Eley JW, Boring III JR. Ensaios clínicos randomizados. In: Greenberg RS, Daniels, SR, Flanders WD, Eley JW, Boring III JR. *Epidemiologia clínica*. Porto Alegre: Artmed; 2005. p. 119-45.
30. Kächele H. Conventional wisdom and/or evidence based psychotherapy. In: Gril S, Ilbarez A, Mosca I, Souza P. *Investigación en psicoterápica: procesos y resultados*. Pelotas: Educat; 2000. p. 17-26

31. Kazdin AE. Mediators and mechanisms of change in psychotherapy research. *Annual Review of Clinical Psychology*. 2007;3:1-27.
32. Zanatta D, Benetti SPC. Representação mental e mudança terapêutica: uma contribuição da perspectiva da teoria das relações objetais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2012;28(1):93-100.
33. Edwards DJA. Collaborative versus adversarial stances in scientific discourse: Implications for the role of systematic case studies in the development of evidence-based practice in psychotherapy. *Pragmatic Case Studies in Psychotherapy* [Internet]. 2007 [cited 2013 feb];3(1):6-34. Available from: <http://pcsp.libraries.rutgers.edu./index.php/pcsp/article/view/892/2260>
34. Serralta FB, Nunes MLT, Eizirik CL. Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 2011;28(4):501-10.
35. Fishman D. From single case to database: a new method for enhancing psychotherapy, forensic, and other psychological practice. *Applied & Preventive Psychology*. 2002;10(4):275-304.
36. Dobson KS. *Handbook of cognitive-behavioral therapies*. New York: Guilford; 2001.
37. Greenberg L, Newman F. An approach to psychotherapy change process research: introduction to the special section. *Journal of Consulting & Clinical Psychology*. 1996;64(3):435-38.
38. Serralta FB, Streb LG. Notas sobre pesquisa em psicoterapia psicanalítica: situação atual e perspectivas. *Revista Brasileira de Psicoterapia*. 2003;5(1):53-65.
39. Freud S. Estudos sobre histeria. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. v. II. Rio de Janeiro: Imago; 1895/1988. p. 17-319.
40. Yoshida EMP. Avaliação de mudança em processos terapêuticos. *Psicologia Escolar e Educacional*. 1998;2(2):115-27.
41. Ferreira SN, Yoshida EMP. Produção científica sobre psicoterapias breves no Brasil e demais países latino-americanos (1990-2000). *Estudos de Psicologia*. 2004;9(3):523-31.
42. Campezzatto PvM, Cunha LV, Nunes MLT. Psicoterapia e resultado: um panorama mundial da produção científica 2001-2011. *Contextos Clínicos*. 2013;6(2):74-83.
43. Cassel PA, Sanchez LF, Nunes MLT. Pesquisa de processo em psicoterapia: revisão sistemática de artigos. In: VIII Jornada do Programa de Pós-graduação em Psicologia: Interdisciplinariedade e Método. Porto Alegre; 2012.
44. Peterson DR. Connection and disconnection of research and practice in the education of professional psychologist. *American Psychologist*. 1991;46(4):422-29.
45. Piccinini A. Sobre o relacionamento entre pesquisador e profissional em psicologia. In: Bonfim E de M. *Formações em psicologia: pós-graduação e graduação*. Rio de Janeiro: Coletâneas da ANPEPP; 1996. p. 31-40
46. Stricker G. The relationship of research to clinical practice. *American Psychologist*. 1992;47:543-549.
47. Cassel PA, Sanchez LF, Campezzatto PvM, Nunes MLT. Pesquisa empírica e psicoterapia psicanalítica: avanços e possibilidades. *Psicoterapia Psicanalítica*. No prelo 2014.
48. Silva MR, Steibel D, Sanchez LF, Campezzatto PvM, Barcellos ED, Fernandes P, Klarmann RP. Registros de sessão terapêutica: relato, gravação ou transcrição? Considerações sobre as diferenças entre os registros. *Psicologia Clínica (Rio de Janeiro)*. No prelo.
49. Barros EMR. Psicanálise e pesquisa. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 2006;28(3):169-170.
50. Campezzatto PvM, Nunes MLT. Caracterização da clientela das clínicas-escola de cursos de psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 2007;20(3):376-88.

51. Cassorla RMS. Procedimentos, colocação em cena da dupla (“Enactment”) e validação clínica em psicoterapia psicanalítica e psicanálise. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. 2003;25(3):426-35.
52. Campezzatto PvM, Nunes MLT. Processo de mudança em psicoterapia psicanalítica: um estudo possível? In: Kohn KC, Pinheiro LRS, Strey MN (Orgs.). (Des) Ensaio temático: construções sobre teses em psicologia. Erechim: Edifapes. No prelo 2014.
53. Konrat CED. A relação entre sexo e idade e queixas de crianças em psicoterapia [dissertação]. Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2012.
54. Merg M. Características da clientela infantil em clínicas-escola [dissertação]. Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2009.
55. Boaz C. Caracterização das queixas apresentadas por meninos e meninas encaminhados a clínicas-escola [dissertação]. Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2009.
56. Campezzatto PvM. As clínicas-escola de cursos de psicologia da Região Metropolitana de Porto Alegre [dissertação]. Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2006.

Correspondência

Livia Fração Sanchez

Rua Carlos Gardel 119/501

90.450-100 Porto Alegre, RS

livia_sanchez@hotmail.com

Submetido em: 18/09/2014

Aceito em: 13/01/2014